

O Luto Infantil Através do Filme O Rei Leão (2019)

Childhood Grief Through The Movie The Lion King (2019)

El duelo infantil a través de la película El Rey León (2019)

Raquel Rejane Barbosa da Silva¹, Isabella Pinto Ribeiro Cruz Barbosa²

RESUMO

Objetivo: Analisar o luto vivido por Simba após a morte de seu pai Mufasa, em O Rei Leão (2019), buscando compreender a representação do luto infantil e seus impactos emocionais, com base na teoria de Elisabeth Kübler-Ross. **Métodos:** Esta pesquisa, de natureza qualitativa, utilizou a análise fílmica de O Rei Leão (2019), articulada à análise de conteúdo de Bardin. Também foi realizada revisão de literatura em bases como Google Acadêmico, considerando publicações recentes, com palavras-chave sobre luto infantil. **Resultados:** A trajetória de Simba evidenciou os desafios do luto infantil. Identificou-se que o personagem vivencia o processo de forma não linear, oscilando entre negação, raiva, barganha e aceitação. A internalização da culpa mostrou-se central, levando ao afastamento e dificuldade de enfrentar a perda. Também se observou que a ausência paterna impactou seu desenvolvimento emocional, enquanto figuras substitutas, como Timão, Pumba, Nala e Rafiki, exerceram papéis no enfrentamento da dor e na reorganização de sua identidade. **Considerações finais:** O estudo permitiu compreender a representação simbólica do luto infantil, ao mostrar como a perda de uma figura importante repercute no desenvolvimento emocional da criança. A trajetória de Simba ilustra sentimentos como negação, culpa e isolamento, ressaltando a importância do apoio afetivo e social para um luto saudável.

Palavras-chave: Luto Infantil, Desenvolvimento Emocional, Apoio Social, Figura Parental.

ABSTRACT

Objective: To analyze Simba's grief after the death of his father Mufasa in The Lion King (2019), seeking to understand the representation of childhood grief and its emotional impacts, based on Elisabeth Kübler-Ross's theory. **Methods:** This qualitative research used film analysis of The Lion King (2019), combined with Bardin's content analysis. A literature review was also conducted on databases such as Google Scholar, considering recent publications with keywords related to childhood grief. **Results:** Simba's trajectory highlighted the challenges of childhood grief. It was identified that the character experiences the process in a non-linear way, oscillating between denial, anger, bargaining, and acceptance. The internalization of guilt proved to be central, leading to withdrawal and difficulty in coping with loss. It was also observed that his father's absence impacted his emotional development, while substitute figures, such as Timon, Pumbaa, Nala, and Rafiki, played roles in coping with pain and reorganizing his identity. **Final considerations:** The study allowed us to understand the symbolic representation of childhood grief by showing how the loss of an important figure affects a child's emotional development. Simba's journey illustrates feelings such as denial, guilt, and isolation, highlighting the importance of emotional and social support for healthy mourning.

Keywords: Childhood Mourning, Emotional Development, Social Support, Parental Figure.

¹ Estudante da Faculdade Pernambucana de Saúde (FPS), Recife - PE. E-mail: raquelrejane00@gmail.com

² Tutora da Faculdade Pernambucana de Saúde (FPS), Recife - PE.

RESUMEN

Objetivo: Analizar el duelo vivido por Simba tras la muerte de su padre Mufasa, en El rey león (2019), con el fin de comprender la representación del duelo infantil y sus impactos emocionales, basándose en la teoría de Elisabeth Kübler-Ross. **Métodos:** Esta investigación, de naturaleza cualitativa, utilizó el análisis fílmico de El rey león (2019), articulado con el análisis de contenido de Bardin. También se realizó una revisión bibliográfica en bases como Google Académico, considerando publicaciones recientes, con palabras clave sobre el duelo infantil. **Resultados:** La trayectoria de Simba puso de manifiesto los retos del duelo infantil. Se identificó que el personaje vive el proceso de forma no lineal, oscilando entre la negación, la ira, la negociación y la aceptación. La internalización de la culpa resultó ser fundamental, lo que le llevó al alejamiento y a la dificultad para afrontar la pérdida. También se observó que la ausencia paterna impactó su desarrollo emocional, mientras que figuras sustitutas, como Timón, Pumba, Nala y Rafiki, desempeñaron papeles en el enfrentamiento del dolor y en la reorganización de su identidad. **Consideraciones finales:** El estudio permitió comprender la representación simbólica del duelo infantil, al mostrar cómo la pérdida de una figura importante repercute en el desarrollo emocional del niño. La trayectoria de Simba ilustra sentimientos como la negación, la culpa y el aislamiento, lo que destaca la importancia del apoyo afectivo y social para un duelo saludable.

Palabras clave: Duelo infantil, desarrollo emocional, apoyo social, figura parental.

INTRODUÇÃO

De acordo com Santos e Muner (2020) o luto é um processo psicológico e emocional desencadeado pela perda de alguém significativo, sendo vivenciado de forma única por cada indivíduo. Entretanto, não se limita apenas a perda de entes queridos, podendo emergir em outras rupturas afetivas, como abandono, separação ou ausência prolongada de figuras de cuidado (REIS E SARTORI, 2024).

O luto vai envolver uma série de reações internas e externas que afetam profundamente a vida da pessoa enlutada. Pode alterar sua percepção do mundo e sua própria identidade. O processo é constituído por etapas que vão desde o choque inicial até a adaptação a uma nova realidade sem a presença da figura perdida. Esse percurso, embora natural, exige apoio e elaboração emocional, pois a ausência de suporte pode favorecer sentimentos persistentes de tristeza, ansiedade e insegurança na criança enlutada (SOLIS, et al., 2025).

Elisabeth Kübler-Ross (1969/1998) propôs um modelo compreensivo acerca do processo de luto. Ele é estruturado em cinco etapas sucessivas: negação, caracterizada pela dificuldade inicial em admitir a realidade da perda; raiva, associada a sentimentos de frustração e revolta; barganha, expressa por tentativas simbólicas de negociação com o intuito de adiar ou reverter a ausência; depressão, marcada por profunda tristeza e sensação de vazio; e, por fim, aceitação, etapa em que a perda é gradualmente integrada à experiência de vida.

Contudo, Souza e Almeida (2021) ressaltam que as etapas do luto não configuram um percurso linear, argumentando que as etapas propostas por Küble-Ross (1969/1998), não constituem uma sequência rígida. Ao contrário, podem manifestar-se com intensidades diversas, ocorrer de maneira simultânea ou até mesmo não se fazer presentes em determinados enlutados, evidenciando a complexidade e a singularidade do fenômeno do luto.

Neto e Ribeiro (2022) destacam que a vivência dessas fases é influenciada por fatores como idade, maturidade emocional e suporte social disponível, assim, a forma como o luto é processado pode impactar significativamente o bem-estar psicológico e o desenvolvimento pessoal a longo prazo. No desenvolvimento infantil, o processo do luto manifesta-se de maneira particular, uma vez que a criança, pode não ter uma compreensão sobre a morte como fenômeno definitivo (SANTANA, 2022).

Segundo, Colombo (2021) observa que, diante dessa limitação, a criança tende a se apegar fortemente às figuras de apego remanescentes e à narrativa que lhe é oferecida pelos adultos. Entretanto, a forma como a verdade é comunicada e o grau de abertura para a expressão emocional podem influenciar diretamente na elaboração do luto, gerando consequências positivas ou prejudiciais no desenvolvimento emocional futuro (SANTANA, 2022).

Considerando essas particularidades, as produções culturais, em especial o cinema, surge como um recurso simbólico capaz de representar a experiência da perda e oferecer subsídios para a reflexão. As narrativas fílmicas constituem instrumentos acessíveis para abordar o tema em diferentes contextos, inclusive pedagógicos e terapêuticos, por possibilitarem que crianças e adultos entendam o luto de modo mais sensível e significativo.

No filme *O Rei Leão* (Disney, 2019), versão live action produzida pela Disney e dirigida por Jon Favreau, é uma adaptação do clássico animado de 1994. A obra narra a trajetória de Simba, um jovem leão prometido a se tornar rei, que necessita lidar com a perda do pai, Mufasa, e enfrentar os desafios de assumir seu lugar no “Ciclo da vida”. É uma obra voltada para o público infantojuvenil, mas com um apelo significativo intergeracional, sendo amplamente difundida pela sua relevância cultural e simbólica.

Nessa conjuntura, a narrativa apresenta de maneira simbólica e sensível o processo de luto infantil. A morte de Mufasa gera suas repercussões na vida de Simba. No enredo, a culpa imposta por Scar fragiliza emocionalmente o protagonista. Essa fragilidade leva Simba a fugir e evitar o enfrentamento da dor. A negação é reforçada pelo convívio com Timão e Pumba, cuja filosofia de vida, embora proporcione alívio temporário, impede Simba de amadurecer emocionalmente e compreender o sentido real de sua perda. Com isso, Simba se desconecta de si mesmo e de sua identidade.

Ademais, destaca-se o papel das figuras significativas no processo de enfrentamento da dor, o que certifica as considerações de Cesarino e Sartori (2020). Esses autores ressaltam que a presença de figuras significativas atua como um catalisador para o enfrentamento da dor, resgatando o sentido de identidade e pertencimento. Dessa forma, a escolha do filme justifica-se pela sua ampla circulação cultural, por seu apelo intergeracional e pela adequação como recurso simbólico para refletir sobre o luto infantil.

Diante desse panorama, o presente trabalho teve como objetivo geral investigar o processo de luto enfrentado por Simba após a morte de seu pai, Mufasa, na versão live action de *O Rei Leão* (2019). Buscou-se compreender como o luto infantil é representado diante da perda de uma figura parental crucial. Como objetivos específicos, pretendia identificar os estágios do luto vivenciados pelo personagem; examinar as reações emocionais e comportamentais ao longo do enredo. Também se buscou investigar o papel do sentimento de culpa no processo de elaboração do luto e compreender como a ausência da figura paterna impacta seu desenvolvimento emocional. Assim, a obra funciona como um recurso ilustrativo para compreender os percursos emocionais percorridos por criança em situação de perda.

MÉTODOS

A presente pesquisa é de natureza qualitativa, de caráter descritivo e exploratório, fundamentada na análise fílmica e na análise de conteúdo como referenciais metodológicos. A análise fílmica, conforme Penafria (2009), permite examinar a obra cinematográfica como objeto de investigação científica, considerando elementos narrativos, visuais e sonoros que compõem o enredo. No presente estudo, o corpus foi delimitado a partir da obra *O Rei Leão* (2019), especificamente nas cenas que retratam a morte de Mufasa, as reações emocionais de Simba diante da perda e sua interação com personagens substitutos (Timão, Pumba, Nala e Rafiki). Foram observados os diálogos, a construção narrativa, os recursos visuais e a trilha sonora dessas passagens, por sua pertinência direta com a temática do luto.

Como referência metodológica, adotou-se a proposta de análise de conteúdo de Bardin (2016), utilizada neste trabalho como suporte para a categorização e interpretação dos dados, permitindo sistematizar as informações presentes no material fílmico e articulá-las ao referencial teórico selecionado.

A aplicação desse método seguiu três etapas. Na pré-análise, efetuou-se a leitura flutuante do material e a seleção de cenas e diálogos associando ao luto infantil. Na exploração do material, as unidades foram estruturadas em categorias vinculadas às fases do luto descrita por Kübler-Ross (1996) que são: negação, raiva, barganha, depressão e aceitação. No tratamento dos resultados e interpretação, as categorias foram confrontadas com a literatura científica, o qual possibilitou reconhecer aproximações entre a representação fílmica e os estudos acerca do luto infantil.

Para a fundamentação teórica, foram consultados artigos publicados entre 2013 e 2025 nas bases Google Acadêmico e SciELO, utilizando-se as palavras-chave “luto infantil”, “etapas do luto”, “processos emocionais” e “figura parental”. Foram incluídos apenas estudos que abordassem diretamente o luto na infância e suas repercussões emocionais, de modo a garantir relevância e atualidade aos estudos.

Por se tratar de análise de obra cinematográfica, sem envolvimento direto com seres humanos, não houve necessidade de submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O FILME O REI LEÃO (2019) E O SEU CONTEXTO

A história de *O Rei Leão*, se passa no continente africano. O enredo é integrado em um reino animal organizado sob a liderança do rei, o leão Mufasa. Inicialmente, o filme mostra a famosa cena em que Simba enquanto filhote, é apresentado a todos os animais, simbolizando o “ciclo da vida”, um dos pilares temáticos da narrativa. Simba, filho de Mufasa e da leoa Sarabi, é o herdeiro do reino e do trono. Desde pequeno demonstra curiosidade, inocência e ousadia típicas da infância. Ele aproveita seus dias explorando o território com sua amiga Nala, sempre tendo a supervisão de Zazu, conselheiro do seu pai.

A relação entre Mufasa e Simba é construída sobre valores de coragem, responsabilidade e respeito pelo equilíbrio da natureza. Mufasa, como figura parental, não apenas ensina sobre o reino físico, mas também transmite lições profundas sobre a vida e a morte. Sua aparição simboliza segurança, proteção e estabilidade emocional para Simba. Além disso, o filhote se inspira em seu pai, deixando claro a importância dessa relação.

Um dos personagens principais da trama é Scar, irmão de Mufasa. Ele demonstra sentimentos de inveja e ambição pelo trono e se ressentido por não ser o sucessor. Simba, muito inocente, acredita e convive esporadicamente com o tio, sem enxergar suas ambições e desejos. Nesse convívio, Scar atrai Simba para uma armadilha, o qual o filhote acreditaria ser apenas mais uma aventura. Scar atrai Simba para um desfiladeiro, onde provoca manada disparada. Quando Mufasa é avisado, corre para tentar salvar o filho, mas acaba sendo morto. Simba acredita que foi consequência direta de seus atos, sem saber que Scar foi o responsável pela tragédia. Dessa forma, o tio distorce os fatos sobre o assassinato de Mufasa, fazendo Simba acreditar que carregava a culpa.

Diante disso, Simba foge para longe do reino e de casa. Mas conhece Timão e Pumba, que o acolhem e oferecem um estilo de vida despreocupado, resumida na filosofia do lema “Hakuna Matata”, no qual prega que não se deve preocupar com o que não se controla e que deve esquecer os problemas. Simba, continua por anos vivendo com Timão e Pumba, se descaracterizando de seu papel de rei da selva. A trama avança quando acontece o reencontro com Nala, sua antiga amiga de infância que se torna seu par romântico. Nesse momento, descobre que o seu antigo reino passa por situações difíceis ocorridas devido ao reinado de Scar. Apesar de sentir a necessidade de ajudar ele ainda é consumido pela culpa e medo do que acontecerá se retornar. Com apoio de Rafiki e das suas lembranças com o pai, Simba recupera sua identidade. Ele decide voltar e assumir novamente o seu lugar no ciclo da vida.

Ao retornar, Simba compreende que não tem culpa e descobre que, na realidade, todo o ocorrido foi armado por Scar. Toda tragédia foi culpa de Scar que planejou a emboscada e assassinou Mufasa para assumir o trono. Essa revelação confronta Simba com a verdade sobre seu passado e desmonta anos de culpa e exílio auto impostos. Movido pelo desejo de justiça e pelo amor ao seu povo, ele enfrenta o tio em uma batalha decisiva, libertando o reino da tirania e restaurando a harmonia no Ciclo da Vida.

A CULPA E O AUTOCONCEITO NO PROCESSO DE LUTO INFANTIL

O sentimento de culpa no luto infantil é uma reação emocional que pode surgir quando a criança interpreta a perda de forma distorcida (Solis, Rodrigues e Silva, 2025). No caso de Simba, a construção dessa culpa é cuidadosamente trabalhada na narrativa da obra, especialmente na cena em que Scar manipula o filhote após a morte de Mufasa.

Santos, Frizzo e Cunha (2023), destacam que obras cinematográficas infantis podem atuar como mediadoras simbólicas. Eles ajudam que o público compreenda emoções complexas, como a culpa, ao mesmo tempo em que evidenciam o impacto das relações familiares nesse processo. Conforme observado a seguir, a partir do filme é possível perceber o uso de manipulação emocional para solidificar no personagem a percepção de ser responsável pela tragédia:

" Simba: Pai, lembra.

Simba: Socorro! Alguém me ajude!

Nisso, Simba deita-se alinhado ao seu pai, Scar chega por traz e fala:

Scar: Simba! O que você fez?

Simba: Ele tentou me salvar! Teve a debandada, foi só um acidente. Eu não quis que isso acontecesse.

Scar: É claro que não quis. Ninguém quer que essas coisas aconteçam. Mas o rei está morto, e se não fosse por você, ele ainda estaria vivo. Seu pai tinha tantos sonhos para você, ele lhe deu inúmeras chances. E é assim que você retribui.

Simba: Eu não queria isso, eu não queria isso.

Scar: O que sua mãe vai pensar? O filho que causa a morte do pai. Um menino que assassina um Rei.

Simba: Mas o que eu faço, tio?

Scar: Fuja! Fuja daqui Simba. Fuja para longe! Fuja e Jamais retorne."

Essa cena exemplifica como a culpa pode ser implantada na mente de uma criança por meio de uma autoridade percebida como confiável. Cruz et al. (2021), apontam que, a culpa pode surgir não apenas de eventos concretos, mas também de interpretações distorcidas geradas por figuras próximas. Na obra, Scar assume o papel de cuidador temporário, mas utiliza essa posição para induzir no sobrinho um peso emocional que não lhe pertence. Essa distorção compromete a autoestima do filhote, que passa a se enxergar como indigno de afeto e de ocupar seu lugar legítimo no ciclo da vida.

Leandro e Freitas (2015) destacam que a culpa no luto infantil, quando internalizada, pode levar a comportamentos de evitação e fuga. A evitação funciona como estratégias defensivas, mas também como bloqueios no processo de elaboração do luto. O exílio autoimposto por Simba representa exatamente essa dinâmica. Ao fugir, ele tenta se proteger da dor e do julgamento, mas também se afasta da possibilidade de ressignificar a perda. Essa fuga não é apenas física, mas psicológica, afastando-o de sua identidade e de seu papel como herdeiro. A partir desse momento, a construção de seu autoconceito passa a ser influenciada por uma narrativa falsa sobre quem ele é.

O encontro de Simba com Timão e Pumba marca a introdução de novas estratégias de enfrentamento. Ainda assim, a negação continua presente. Santos, Frizzo e Cunha (2023) explicam que, no luto infantil, personagens coadjuvantes podem simbolizar mecanismos de defesa. Eles auxiliam ou atrasam a elaboração emocional. No diálogo a seguir, percebe-se a tentativa dos novos amigos de minimizar a dor, propondo um estilo de vida desconectado do passado:

Ao encontrar com Timão e Pumba, os dois falam que salvaram a vida de Simba dos abutres que o cercava, mas o filhote responde "Isso não importa", os próprios personagens falam: "Uau, que resposta triste", ao perguntar como ele estava, Simba responde:

Eu fiz uma coisa horrível, não quero falar sobre isso, nisso Pumba fala:

Olha garoto, todos nós cometemos erros, podemos ajudar de algum jeito.

Simba responde: Só se puderem mudar o passado.

Timão e Pumba respondem que isso é difícil de ocorrer, mas ressaltam que há uma coisa que Simba pode mudar: O futuro.

Falando que: Para mudar o futuro é só deixar o passado para trás.

Também é introduzido que: coisas ruins acontecem e não há nada que possa fazer, certo? errado! Quando o mundo vira as costas para você, você vira as costas para o mundo! Só se preocupe com o futuro.

Simba ainda fala que não foi isso que lhe ensinaram, mas Timão e Pumba ressaltam que está na hora do menino aprender uma nova lição, introduzindo então o Hakuna matata: sem problemas/preocupações.

Cruz et al. (2021) afirmam que a evitação é comum no luto infantil. Muitas vezes, estimulada por adultos que, na tentativa de proteger, acabam incentivando a criança a reprimir emoções.

No caso de Simba, o lema “Hakuna Matata” funciona como um anestésico emocional. Ele vive sem enfrentar diretamente a perda ou a culpa. Esse alívio é temporário, pois posterga a confrontação com a verdade e a aceitação plena do luto. Essa fase simboliza a estagnação no processo de crescimento emocional.

Do ponto de vista teórico, a filosofia do “Hakuna Matata” representa de forma clara a etapa da negação, compreendida como um mecanismo psíquico de defesa. Segundo Cruz et al. (2021), é comum que a criança recorra à evitação como estratégia para não entrar em contato direto com sentimentos dolorosos. Além do mais, essa evitação ocorre especialmente quando figuras de referência reforçam essa conduta sob o pretexto de proteger a criança.

Ao viver com Timão e Pumba, Simba encontra uma solução ilusória para seu sofrimento. Ele evita qualquer lembrança ou menção ao passado. A filosofia do “Hakuna Matata” funciona, portanto, como uma forma de anestesia emocional, bloqueando não apenas a dor da perda, mas também o sentimento de culpa que lhe foi imposto por Scar. Esse afastamento traz alívio imediato, porém, impede que ele elabore o trauma de forma saudável. Nesse sentido, a negação não é apenas ausência de enfrentamento, mas uma reconstrução parcial e distorcida da própria identidade, na qual o evento traumático é excluído da narrativa pessoal.

O LUTO INFANTIL E SUA CARACTERIZAÇÃO

Neto e Ribeiro (2022) destacam que, diferentemente dos adultos, as crianças possuem limitações no entendimento do caráter irreversível e universal da morte. Essa dificuldade influencia diretamente a forma como vivenciam o luto. A vivência pode ser marcada por intensas oscilações de humor, comportamentos regressivos e alterações na rotina, e diante a isso, o apoio familiar e o acolhimento emocional tornam-se fundamentais para que o processo seja elaborado de forma saudável (NETO e RIBEIRO, 2022).

O conceito de luto na infância apresenta diferenças substanciais em relação ao luto adulto, sobretudo na compreensão simbólica da morte. Mello, et al., (2021) apontam que, enquanto os adultos lidam com o luto a partir de uma consciência plena da finitude, as crianças recorrem a recursos imaginativos para tentar integrar a ausência do ente querido. Essa limitação cognitiva pode retardar a elaboração do luto ou gerar interpretações distorcidas sobre a perda, como a ideia de que ela é temporária ou reversível. Além disso, a ausência de vocabulário emocional adequado dificulta que a criança expresse verbalmente o que sente, o que torna necessário observar sinais não verbais e mudanças de comportamento. (MELLO, et al., 2021).

As fases do luto infantil seguem, em linhas gerais, a estrutura do luto adulto. Porém, apresentando manifestações próprias da idade. Segundo Leandro e Freitas (2015), os estágios de negação, raiva, barganha, depressão e aceitação, propostos por Kübler-Ross, podem aparecer de forma não linear e mesclada, especialmente nas crianças. A negação, por exemplo, pode se expressar como brincadeiras que “trazem de volta” o ente falecido, enquanto a raiva pode se manifestar contra cuidadores ou até contra si

mesmas. A barganha tende a surgir em pensamentos mágicos, comuns na infância, enquanto a depressão infantil pode incluir apatia, tristeza ou isolamento social e por fim, a aceitação, quando alcançada, ocorre gradualmente e pode ser instável, com recaídas emocionais.(LEANDRO e FREITAS, 2015).

No campo cognitivo, o luto infantil pode impactar a concentração, a memória e o rendimento escolar. De acordo Da Silva, Oliveira e Tardeti (2024) ressaltam que as crianças tendem a apresentar dificuldades em manter o foco e em processar novas informações. O processo pode ser permeado por mecanismos de defesa psicanalíticos, como a negação e a repressão. Esses mecanismos, embora possam proteger momentaneamente a criança de uma dor intensa, também podem dificultar a elaboração emocional caso se prolonguem.

Nos aspectos emocionais, o luto infantil inclui sentimentos de medo, insegurança, raiva e culpa. Menezes e Borsa (2022) enfatizam que a perda de uma figura de apego pode gerar um rompimento nas bases de segurança emocional da criança. O resultado é a perda do senso de previsibilidade e estabilidade. Esses sentimentos podem ser exacerbados pela falta de informações claras sobre a morte, pela ausência de rituais de despedida ou pelo afastamento de rotinas familiares. Crianças em luto podem apresentar pesadelos, choro frequente, ansiedade de separação ou dificuldades escolares. (MENEZES e BORSA, 2022).

Alcântara e Soares (2022) observam que essas mudanças comportamentais refletem a tentativa da criança de lidar com a ausência. Também expressam a busca por segurança em padrões anteriores de apego. É importante que esses comportamentos sejam compreendidos no contexto da perda, evitando interpretações punitivas ou julgamentos precipitados.

Santos e Muner (2020) reforçam que o suporte social atua como fator protetivo, ajudando a criança a reorganizar sua vida emocional e cotidiana após a perda. A presença dos adultos é fundamental nesse processo. Eles são capazes de oferecer explicações honestas, compatíveis com o nível de compreensão da criança. Também devem permitir a expressão de sentimentos, facilita o processo de aceitação.

Leandro e Freitas (2015), resalta que a reconstrução do autoconceito no luto infantil exige a reinterpretação dos eventos traumáticos à luz de informações verdadeiras e de vínculos restaurados.

OS ESTÁGIOS DO LUTO EM SIMBA E O IMPACTO NO DESENVOLVIMENTO DO PERSONAGEM

Após a morte de Mufasa, Simba experimenta a negação, manifestada na crença distorcida de que poderia simplesmente fugir de seu passado e evitar a dor. Segundo Alcântara e Soares (2022), crianças enlutadas podem utilizar mecanismos de afastamento emocional para reduzir o sofrimento imediato. No caso de Simba, é simbolizado pela filosofia “Hakuna Matata”. Essa postura, embora proporcione alívio temporário, posterga a elaboração do luto e mantém a ferida emocional em estado latente, é necessário destacar que a fase da negação é a mais ressaltada e observada durante o filme, tendo durado anos na trajetória de Simba.

A raiva não aparece de forma explosiva no personagem, mas se manifesta de maneira indireta na irritabilidade e resistência em discutir o passado. Quando Nala o confronta sobre a devastação causada pelo reinado de Scar, Simba reage defensivamente, recusando-se a assumir responsabilidades. Cesarino e

Sartori (2020), trazem que a raiva no luto infantil pode ser internalizada, voltando-se contra si mesmo, o que explica parte da culpa e do isolamento que Simba vivência.

Esse acúmulo emocional reflete um conflito interno intenso. Como não é verbalizado, torna-se dificultoso se reconectar com sua origem e missão, além disso, a barganha também pode ser compreendida em seu diálogo com Nala, no qual ele tenta justificar sua ausência idealizando a vida longe do trono:

Simba relata a Nala que:

Simba: Não te disse? é lindo aqui. Talvez pudesse ser assim para sempre.

Nala: É Maravilhoso. Mas tem uma coisa que não entendi. Se você estava vivo todo esse tempo, por que não voltou para casa? Nós precisávamos de você.

Simba: Não é assim. Ninguém precisava de mim.

Nala: Você é o Rei.

Simba: Nala, o Scar é o rei.

Nisso Nala conta que os anos de reinado de Scar trouxe devastação as terras do reino, que não tem comida e nem água, Nala ainda fala que isso era responsabilidade de Simba e que ele deveria pensar na sua mãe.

Simba responde: Eu não posso voltar. Nunca!

Conforme Colombo (2021), a barganha infantil pode envolver acordos imaginários A criança cria ilusão de que evitar responsabilidade a protegerá da dor. No caso de Simba, isso apareceu na crença de que se afastar do reino preservaria sua segurança.

A depressão é evidenciada pela sensação de inutilidade e pela convicção de que não poderia voltar. Essa autopercepção negativa está fortemente ligada ao sentimento de culpa internalizado desde a morte de Mufasa.

Cruz et al. (2021), destacam que a culpa no luto infantil pode provocar estagnação no desenvolvimento emocional e sentimentos de despersonalização. Com Simba, isso se reflete na sua incapacidade de se reconhecer como herdeiro legítimo e na alienação de sua própria identidade, essa desconexão de si mesmo prolonga o sofrimento e retarda o processo de aceitação.

O reencontro com Nala marca um ponto crucial, pois traz à tona o conflito entre a negação e a necessidade de enfrentamento. No diálogo, Simba deixa claro que há “várias coisas a dizer, mas como explicar?”, revelando o medo de compartilhar a verdade e ser rejeitado. Segundo Da Silva, Oliveira e Tardeti (2024), a omissão emocional no luto infantil pode ser uma estratégia de autoproteção, mas também dificulta o reconhecimento da própria dor. Quando Nala, ao afirmar que “dentro dele existe um Rei”, demonstra a aceitação vinda dos demais, porém que não é vista por Simba devido à própria proteção que ele colocou em volta de si mesmo. A aceitação começa a emergir quando Simba, após reencontrar Rafiki e ter contato com a memória de Mufasa. Ele compreende que o passado não pode ser mudado, mas que seu futuro depende das escolhas que fizer. Leandro e De Freitas (2015) destacam que a aceitação no luto infantil não significa ausência de dor, mas sim integração da perda à narrativa de vida.

Simba finalmente decide retornar ao reino, assumindo sua responsabilidade e resgatando sua identidade como rei. Esse ato simboliza a superação do ciclo de paralisia emocional, nesta etapa, Simba se reencontra com o seu eu e sua força interior, quando ao falar com Rafiki, Simba reencontra com seu pai.

Mufasa fala: Simba, você tem que ocupar o seu lugar no ciclo da vida.

Simba responde: Não dá.

Mufasa: Lembre-se de quem você é! O verdadeiro Rei!

Simba: Me desculpa. Não sei como ser igual a você.

Mufasa: Como Rei o que me trouxe mais orgulho foi ter você como meu filho.

Simba: Esse orgulho acabou, não?

Mufasa: Não Simba, ele é eterno.

Simba: Pai, não me deixe de novo.

Mufasa: Eu nunca fiz isso, e nunca farei. Lembre-se de quem você é. Lembre-se.

Rafiki: Então, eu pergunto de novo: quem é você?

Simba: Eu sou Simba. Filho de Mufasa.

OS IMPACTOS DA AUSÊNCIA PARENTAL NO DESENVOLVIMENTO DE SIMBA

Após a perda de Mufasa, Simba experimenta mudanças significativas em seu comportamento e nas escolhas de vida. Ele opta por um isolamento geográfico e emocional, afastando-se das obrigações ligadas ao trono. Esse afastamento não é apenas físico, mas também simbólico, pois representa a tentativa de romper com um passado doloroso. De acordo com Alcântara e Soares (2022), crianças enlutadas podem adotar estratégias de evasão como forma de minimizar o sofrimento. No entanto, isso tende a gerar uma estagnação emocional.

No contexto de Simba a filosofia “Hakuna Matata” torna-se seu novo paradigma de vida, reforçando a ideia de que evitar responsabilidades seria sinônimo de liberdade, contudo, ela adia o enfrentamento das feridas emocionais.

Figuras substitutas como Timão e Pumba exercem papel central na reorganização temporária da vida de Simba. Apesar de oferecerem apoio afetivo e acolhimento, sua influência reforça um modelo de vida desvinculado de compromissos e da realidade dolorosa. Cesarino e Sartori (2020) apontam que figuras de referência na infância podem tanto favorecer quanto atrasar a elaboração do luto, dependendo do tipo de vínculo e das mensagens transmitidas. No caso de Simba, a amizade com Timão e Pumba oferece um ambiente seguro, mas também funciona como um anestésico emocional que o mantém distante da reconciliação com seu passado, gerando até mesmo desconexão do seu eu interior.

A chegada de Nala marca uma ruptura nesse padrão de fuga de Simba. O reencontro não apenas desperta memórias e afetos reprimidos, mas também evidencia a urgência de assumir responsabilidades. Segundo Colombo, (2021), a presença de vínculos significativos é fundamental no luto infantil, pode funcionar para a possível aceitação e superação do fato. Quando Nala confronta Simba com a realidade do sofrimento no reino, desafia a narrativa auto indulgente construída por Simba, obrigando-o a reconsiderar suas escolhas. Este momento inaugura uma transição entre a negação e a aceitação.

Rafiki, por sua vez, atua como mediador espiritual e emocional, conduzindo Simba a um reencontro consigo mesmo e com a memória de Mufasa. Para Cruz et al. (2021), figuras simbólicas de sabedoria e autoridade emocional desempenham papel essencial na elaboração do luto, pois possibilitam a integração do passado, do presente e do futuro, permitindo que o enlutado reorganize sua identidade diante da perda. Ao expor Simba à imagem e às palavras do pai, Rafiki rompe o ciclo de estagnação emocional. O encontro evidencia que ocultar sentimentos não resulta em cura, mas apenas no prolongamento do sofrimento. Esse encontro espiritual reativo, em Simba, a compreensão de que sua identidade não está dissociada de sua história, mas sim profundamente enraizada nela.

A conexão paternal entre Simba e Mufasa, torna-se central para a restauração de seu sentido de vida. O reencontro simbólico com o pai revela um vínculo que transcende a morte física, fornecendo a ele a validação e a aceitação que buscava inconscientemente. O fato de Mufasa demonstrar, de forma clara, que não estava decepcionado com o filho desfaz a narrativa interna de culpa que o havia mantido afastado de seu papel no reino, tendo em vista que essa aceitação parental é um fator protetivo poderoso no enfrentamento do luto, pois permite que o indivíduo reconstrua sua autoestima e sua capacidade de ação.

A literatura sobre luto infantil evidência que a presença e o reconhecimento vindos de figuras parentais têm impacto direto no modo como a criança ou o jovem elabora a perda. Leandro e De Freitas (2015) destacam que o suporte emocional oferecido por pais ou substitutos contribui para a estabilidade psicológica, pois transmite ao enlutado o sentimento de pertencimento e segurança afetiva.

No caso de Simba, essa reafirmação paternal não apenas confirma seu valor pessoal, mas também o relembra de seu papel social e coletivo, reativando sua motivação para agir em benefício da comunidade. Essa revalorização do vínculo parental também se estende ao núcleo familiar. Quando Simba retorna ao reino, a reação de Sarabi, sua mãe, representa não apenas o reencontro físico com o filho perdido. Representa também a confirmação de que ele ainda é reconhecido como parte essencial da família e da liderança do grupo. A recepção acolhedora reforça a importância das figuras maternas no processo de reconciliação emocional, funcionando como um porto seguro para o enlutado, enquanto presença da mãe, mesmo diante das adversidades e privações impostas por Scar, reafirma o papel estabilizador da família. Segundo Da Silva, Oliveira e Tardeti (2024), o enfrentamento da dor é indispensável para a elaboração do luto. A aceitação é um processo que exige a integração da perda ao sentido de vida.

Ao retornar ao local da morte de Mufasa, mesmo que simbolicamente, Simba não apenas revisita memórias dolorosas. No entanto, essa confrontação também ressignifica o evento traumático, uma vez que essa confrontação permite que a culpa, antes paralisante, seja transformada em motivação para agir em prol da coletividade.

Na trama apresentada, a reconciliação interna que se segue é marcada pela assunção de responsabilidades e pela retomada do papel de rei. Leandro e De Freitas (2015) ressaltam que a aceitação no luto infantil não implica ausência de sofrimento, mas a capacidade de conviver com a perda de forma saudável. Entretanto, Simba ao enfrentar Scar e reivindicar o trono, demonstra que a cura emocional está ligada à ação e a reconexão consigo mesmo e sua história, e essa mudança não anula o impacto da perda, mas integra a experiência à sua trajetória, fortalecendo seu senso de identidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo permitiu compreender a complexidade do luto infantil e suas múltiplas manifestações emocionais e comportamentais. Observou-se que o personagem percorreu diferentes etapas do luto de maneira não linear, incluindo momentos de negação, raiva, barganha e aceitação, destacando-se a presença constante da culpa, que foi internalizada e dificultou sua elaboração, levando-o ao isolamento e ao afastamento de sua identidade. Os resultados mostraram que a ausência paterna teve impacto profundo em seu desenvolvimento emocional, fragilizando seu senso de pertencimento e de responsabilidade, ao mesmo tempo em que revelou a importância do apoio de figuras substitutas no enfrentamento da dor. Timão e

Pumba representaram acolhimento, ainda que por meio de uma filosofia escapista, enquanto Nala e Rafiki atuaram como catalisadores para a retomada da identidade e para o resgate de sua história, funcionando como marcos de transformação. A investigação evidenciou que o sentimento de culpa, reforçado pela manipulação de Scar, foi determinante para prolongar o sofrimento e atrasar a aceitação da perda. Contudo, a reconciliação com seu passado permitiu que Simba ressignificasse sua experiência e integrasse a dor à sua trajetória, recuperando seu papel e sentido de vida. Desse modo, conclui-se que a narrativa do Rei Leão (2019) pode ser compreendida como recurso simbólico e pedagógico para refletir sobre o luto infantil, ressaltando que o suporte social e afetivo é essencial para que crianças enlutadas possam elaborar a perda e reconstruir sua trajetória de forma saudável.

REFERÊNCIAS

1. ALCÂNTARA, Bruna Mendes, SOARES, Karina Soares. Luto infantil e seus processos: uma revisão narrativa da literatura. 2022.
2. BARCELLOS, L. B. As cinco fases do luto de Elisabeth Kübler-Ross [livro eletrônico] : fato ou ficção. 1. ed. Brasília, DF : Instituto Walden4, 2022. ISBN 978-85-65721-18-9
3. BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. São Paulo. Ed. 70. 2016. ISBN978-8562938-04-7
4. CESARINO, Flavianna Paiva, SARTORI, Cássia Maria Tasca Duarte. “O QUE EU QUERO MAIS É SER REI”: FUNÇÃO PATERNA E COMPLEXO DE ÉDIPO NA ANIMAÇÃO O REI LEÃO. **CADERNOS DE PSICOLOGIA**, v. 2, n. 3, 2020.
5. COLOMBO, Lucas Ballardin. Luto infantil e possíveis repercussões no desenvolvimento vincular. 2021.
6. CRUZ, Maria Cristina Natasha Lima et al. Um pedaço de mim virou estrelinha: elaboração do luto infantil. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 8, p. e23210817255-e23210817255, 2021.
7. DA SILVA, Luana Colling; OLIVEIRA, Susani Luzia Silva; TARDETI, Kellen Luana da Silva Duarte. Luto infantil e seus mecanismos de defesa: um olhar psicanalítico. **Diaphora**, v. 13, n. 1, p. 63-67, 2024.
8. Kübler-Ross, E. Sobre a morte e o morrer: o que os doentes têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes/ Elisabeth Kübler-Ross; [tradução Paulo Menezes]. - 7 ed. - São Paulo: Martins Fontes, 1996.
9. LEANDRO, Josilaine Costa; DE FREITAS, Patrícia Maria Lima. Luto infantil: A vivência diante da perda de um dos pais. **Revista Uningá**, v. 46, n. 1, 2015.
10. MELLO, Glenda Ramos Ebert, et al. Percepções e vivências do luto infantil: uma revisão narrativa da literatura brasileira. **Revista Saber Digital**, v. 14, n. 1, p. 70-88, 2021.
11. MENEZES, Karolline de Jesus, BORSA, Juliane. Avaliação psicológica no contexto do luto infantil: contribuições da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano. **Diversitas: Perspectivas em Psicologia**, v. 18, n. 1, p. 237-258, 2022.
12. PENAFRIA, Manuela. Análise de Filmes – conceitos e metodologia(s). **VI Congresso SOPCOM**. 2009.
13. NETO, Adão Alves Vilela, RIBEIRO, Juliane Lucy. ELABORAÇÃO DO LUTO INFANTIL. 2022.
14. SANTOS, Jhennifer Lima Figueira; MUNER, Luana Comito. Luto. **Revista Cathedral**, v. 2, n. 4, p. 108-118, 2020.
15. O REI LEÃO. Direção de Jon Favreau. Produção de Donal Grana; Karen Gilchrist; Jeffrey Silver. Estados Unidos: **Walt Disney Pictures**, 2019. 1 DVD.
16. SANTOS, Taysa de Brito Alencar, et al. Construindo significados no luto a partir dos filmes infantis Irmão Urso e Rei Leão. **Revista M. Estudos sobre a morte, os mortos e o morrer**, v. 8, n. 16, 2023.
17. REIS, S. SARTORI, C. M. T. LUTO INFANTIL: O PAPEL VITAL DA PSICOLOGIA E DA FAMÍLIA NO
18. ENFRENTAMENTO. **CADERNOS DE PSICOLOGIA**, Juiz de Fora, v. 6, n. 10, p.887-902, jan./jun. 2024 – ISSN 2674-9483.
19. SANTANA, K. C. O VIVENCIAR DO LUTO NA INFÂNCIA. **Revista Científica da Faculdade de Educação e Meio Ambiente, Ariquemes**, v.13,ed. esp.,2022. ISSN: 2179-4200

20. SOLIS, Nicolas Amado Nunes; RODRIGUES, Elyabe; DA SILVA, Vitória Alves. IMPLICAÇÕES PSICOSSOCIAIS DO LUTO INFANTIL PELA MORTE DOS GENITORES. **Revista Contemporânea**, v. 5, n. 6, p. e 8281-e8281, 2025.